



Caderno 2

Confirmado para a Flip, Diego Vecchio lança o livro 'Micróbios'. Pág. C5

Doente pela palavra



CHIACCHIO/GTANNONE/DIVULGAÇÃO

Literatura Ensaios

Balaio da civilização em colapso

Textos trazem profundas e cáusticas observações sobre o colapso dos costumes e a barbárie que invade o Ocidente

Fani Hisgail

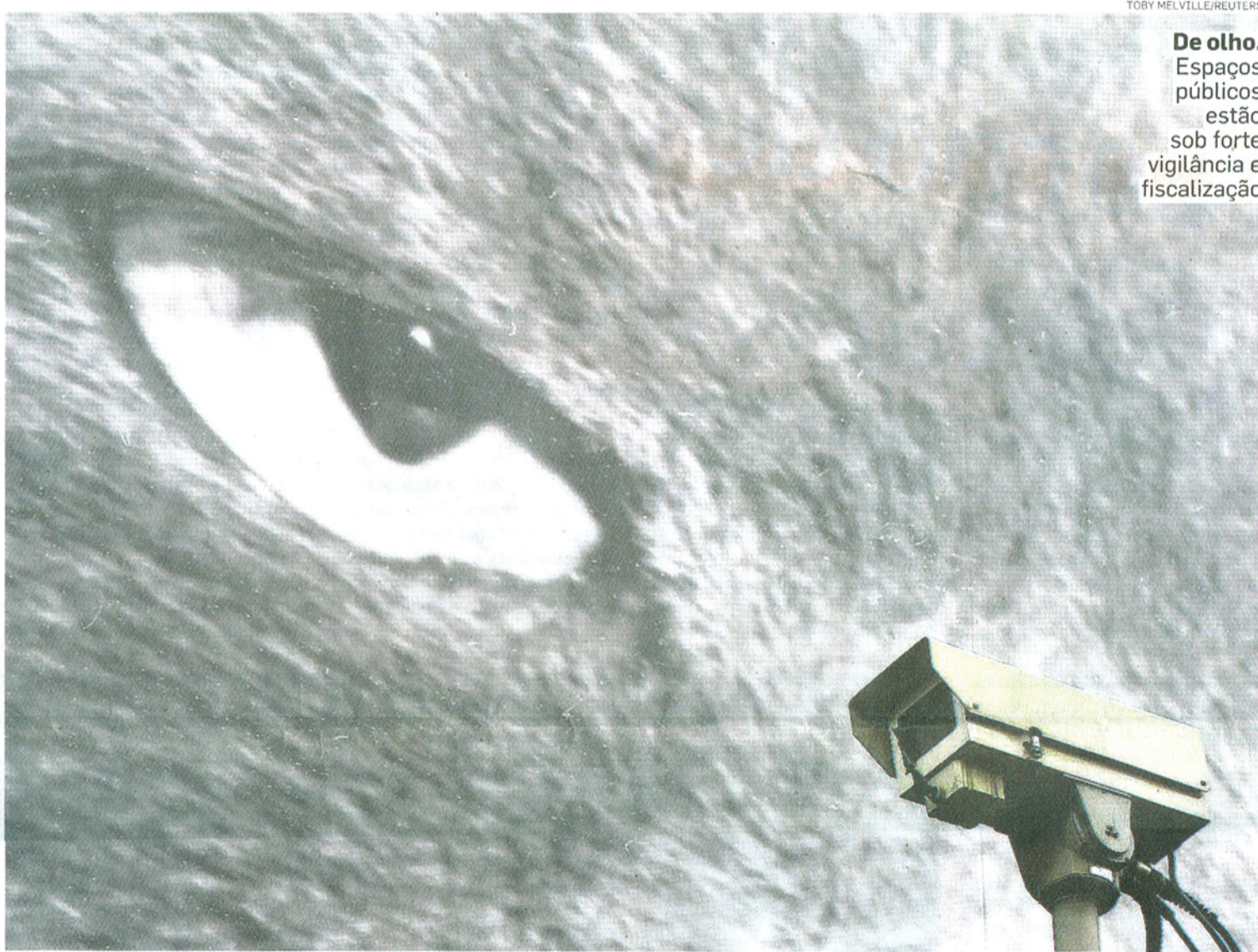
ESPECIAL PARA O ESTADO

O livro *Nossa Cultura... Ou o Que Restou Dela*, com 26 ensaios escritos pelo psiquiatra inglês Anthony Daniels, cujo pseudônimo é Theodore Dalrymple, aborda uma infinidade de temas pertinentes à civilização, cultura, sociedade e política, além de exercer um exímio senso crítico literário e de valor artístico.

Com um estilo ácido e bastante conservador, reporta-se à condição da existência segundo a lógica de que "o passado de alguém não se confunde com o seu destino e é de interesse próprio fingir o contrário". Com categoria, estabelece um fio condutor de assuntos, dando especial destaque a algumas curiosidades e gostos britânicos, quando afirma em *Uma História de Terror*, que "não há nada mais eficiente para levantar o moral do povo inglês do que um assassinato realmente sórdido". São crimes bárbaros e sádicos cometidos na Inglaterra com referência a incesto, parricídio e infanticídio ou sequestro, tortura e assassinatos de crianças, realizados nos últimos 60 anos.

Os ensaios, que datam de 1996 a 2004, organizados segundo quatro áreas do conhecimento - artes, letras, sociedade e política. No campo da literatura, somos apresentados com Shakespeare e a tragédia, Stefan Zweig e o suicídio, Virginia Woolf e a noção de lealdade, Marx e a servidão voluntária. Nas artes, James Guillyray - gravurista do século 18, Joan Miró, com sua ideia de criação como ato que destrói a arte, e Mary Cassat, vítima de cegueira precoce e defensora do sufrágio feminino.

Foi escrito numa época que abarcou o bug do milênio, quando diziam que todos os computadores corriam o risco de parar de funcionar, e na qual houve o ataque ao World Trade Center e as ameaças terroristas que transformaram o espaço público em zonas de vigilância e fiscalização, com as câmeras e os olhos eletrô-



TOBY MELVILLE/REUTERS

De olho. Espaços públicos estão sob forte vigilância e fiscalização

cos, indicando que a mudança veio para ficar.

Neste cenário, o livro denuncia a perda de valores de sociedades decadentes, que põem em risco a vida de inocentes pessoas, com requintes de crueldade, de modo que o perigo passa a comparecer no cotidiano do sujeito a ponto de ele parecer banal, porém fatal.

No mundo inteiro, vivem-se situações em que o cidadão é refém do destino de outrem, como lemos n' *O Criminoso Faminato*. Ficamos sabendo que um grupo de presos que recebeu suplementos vitamínicos e minerais, fato revelado em pesquisa científica, reduziu drasticamente à prática de atos de violência. Em muitos casos, os presos em flagrante apresentavam subnutrição e, na prisão, restauravam a saúde

nutricional. Então, a reincidência no crime poderia ser uma forma de conseguir tratamento nas enfermarias prisionais.

A degradação dos costumes, da vida amorosa e da liberdade sexual recheia o bolo de sabores e o apelo ao vício e à virtude tempera as relações huma-

nas. Segundo o autor, o alcoolismo, "caminha de mãos dadas com os relacionamentos grosseiros, violentos e superficiais entre os sexos", afirmação esta que associa ao "processo de vulgarização" do dia a dia dos ingleses, em virtude do pensamento de uma elite intelectual que despreza a tradição.

Apesar de estabelecer um duelo entre o vulgar e o refinamento britânico, o mal-estar é inerente a qualquer época da civilização. *A Deusa das Tribulações Domésticas* trata da morte da princesa Diana e o impacto de tensões que se deu entre a resistência da rainha em hastear a bandeira a meio mastro, em sinal de luto e respeito, e a pujança de Tony Blair, que lança a alcunha "a princesa do povo", manifestando a comoção social dos ingleses.

Em *Lixo, Violência e Versace: Mas Isto É Arte?*, com ironia e sagacidade, cita a exposição de arte moderna britânica denominada *Sensation*, do acervo do publicitário Charles Saatchi, uma das mais polêmicas da história da arte, na Royal Academy of Art, de Londres, em 1997. A repercussão que tiveram algumas obras, foi fenomenal. Como os animais fatiados e no formol de Damien Hirst e a tela gigantesca da foto de Myra Hindley, torturadora e assassina de crianças da década de 1960. O artista Marcus Harvey ampliou a foto tirada pela polícia quando Myra foi condenada e deixou a imagem formada por pontos (pixels) com a forma de pequenas mãos de crianças.

A pedofilia, a pornografia infantil eletrônica e o incesto

descortinaram o desejo sexual do adulto num padrão de autodestruição, produzindo como saldo o sentimento de impotência provocado pelas avassaladoras denúncias de abuso sexual infantil. Contingente a isso, pode-se dizer que a paixão pela destruição conserva uma animalidade primitiva, haja vista as guerras e os assassinatos em massa, para nem mencionar os invisíveis vírus e bactérias que dizimam populações inteiras, nutrindo a amargura e o ódio como face distinta do amor.

Mas é no texto de Freud *Sobre a Tendência Universal à Depreciação na Esfera do Amor*, de 1912, que a referência à impotência psíquica, além da sexual, aparece como uma condição humana que o homem precisa superar. Com efeito, a restrição feita ao amor pela civilização tem ação direta na interferência de componentes perversos e sádicos, quanto aos objetivos da esfera do amor e do erotismo. A tendência universal a depreciar o objeto de desejo, corresponde, para muitos, a um fim sexual, enquanto para outros, encoberta o abuso de poder físico, psíquico e sexual.

Assim sendo, o que restou da nossa cultura? E o que resta para sensibilizar o homem de que a humanidade, traço essencial da espécie, seja preservada e não apenas sobrevivente do caldeirão da miséria da fome? Do cru ao cozido e da massa ao bolo, temos séculos de história, mas esta aqui vem demonstrando superar as outras. Alguém ficaria indiferente à mais nova versão de sacrifício de crianças, tal qual aquelas que são selecionadas pela facção extremista Boko Haram, na Nigéria, para serem crianças-bombas?

E então..., o que nos resta..., senão a coragem de dizer..., basta!

* FANI HISGAIL É PSICANALISTA, DOUTORA EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA E PROFESSORA DO CURSO LATO SENSO SEMIÓTICA PSICANALÍTICA - CLÍNICA DA CULTURA, NA PUC



NOSSA CULTURA... OU O QUE RESTOU DELA
Autor: Theodore Dalrymple
Tradução: Mauricio Righi
Editora: É Realizações (400 págs., R\$ 59,90)